

Apresentação

Neste dossiê temático abordaremos o tema juventudes numa perspectiva interdisciplinar, recolhendo contributos de autores internacionais ligados à área das Ciências Sociais. Os textos apresentados exploram os dilemas das juventudes contemporâneas, as múltiplas formas de expressividades e agências juvenis, bem como as representações sociais elaboradas sobre as juventudes e por elas, envolvendo ainda as relações sociais e de poder, numa perspectiva que cruza experiências locais, nacionais e transnacionais.

Diáspora, migração, espaço transnacional, multiculturalismo e pós-colonialismo são conceitos que procuram interpretar novas situações sociais no cenário global. São termos circunstanciados que nos remetem aos velhos debates sobre culturas, territórios, identidades, poderes e conflitos, não mais possíveis de serem estudados apenas a partir de balizamentos centrados (na nação, por exemplo), o que tem sido demonstrado por diferentes pesquisadores a partir de diferentes enfoques. Neste dossiê, tais conceitos estão implícitos no referencial de abordagem que propomos para o enfoque transversal de nossos artigos, mesmo quando os temas específicos de cada contribuição sejam localizados.

Os autores convidados a participar deste dossiê realizam pesquisas de campo no Brasil, em Angola, em Cabo Verde, na Guiné Bissau, em Moçambique e em Portugal, o que dá ao tema um contorno internacional articulado a um conjunto de países de Língua Portuguesa. Este contorno é propositalmente sugerido como diacrítico para se pensar as possíveis correlações e contrastes sobre o tema comum num contexto privilegiado de trânsitos de pessoas, de mercadorias e de produções simbólicas.

As diferenças e similaridades entre as experiências da juventude contemporânea nestes países são inúmeras e nem sempre podem ser compreendidas isoladamente ou comparadas indiscriminadamente. Algumas questões são pontuais e locais, mas outras se inscrevem no próprio contexto dos trânsitos. Em Portugal, só para citarmos um exemplo, vários estudos recentes demonstram que a maior parte do movimento imigratório para este país, nos últimos dez anos, teve origem nas populações jovens dos outros países que compõe a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, principalmente: Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau e Angola.

O que há de comum nas dinâmicas sociais e culturais destes países, para além da expressão linguística, de uma história política marcada pela experiência colonial e da circulação migratória e de bens de consumo, é também a emergência de expressões culturais, movimentos sociais e políticos entre os jovens, assim como o impacto de políticas sociais internacionais, principalmente sobre questões como educação, saúde, trabalho, lazer e segurança pública. Embora não estejamos privilegiando aqui enfoques nacionais e nem dando um direcionamento centrado a uma comunidade política definida pela língua portuguesa, queremos chamar a atenção para as mútuas implicações entre questões locais e globais envolvendo as experiências e representações dos e sobre os jovens.

Neusa Gusmão aborda no seu artigo o tema dos estudantes africanos no Brasil, conseguindo desestabilizar o lugar comum que

associa imigração dos países Africanos com migração laboral e econômica. A migração acadêmica configura-se como um aspecto fulcral para redefinir as características da imigração de diferentes países da África, apontando para dinâmicas sociais complexas, valores familiares, formação de quadros e estratificação econômica.

Derek Pardue analisa a influência das práticas culturais juvenis do hip-hop e dos saraus em São Paulo, na recomposição do que ele denomina de geografia social da cultura na cidade. No seu artigo desenvolve a ideia de surgimento de uma dinâmica de recomposições dos fluxos de produção e consumo cultural, num contexto em que as periferias se tornam importantes lugares de expressão social e cultural, deslocando o espaço do debate público sobre a cidade, bem como ganhando novos e multisituados valores na cenário da metrópole.

Valéria Silva descreve o envolvimento de alguns jovens de Teresina (Piauí) com a prática do parkour, refletindo sobre a constituição de um estilo de vida e dos coletivos formados por jovens que aderem a tal prática. Em tal caso, os jovens se reúnem em torno de uma forma de expressão pela qual se familiarizam com os equipamentos urbanos da cidade e reiventam sobre os usos do espaço público, como também redimensionam suas formas de socialização, expressando uma espécie de filosofia de vida.

Lorenzo Bordonaro, a partir de suas experiências etnográficas no bairro Brasil, na cidade da Praia, em Cabo Verde, analisa a relação dos jovens de um lugar estigmatizado socialmente pela violência. Descreve os confrontos e as proximidades entre grupos de adolescentes, familiares e de residência a partir dos valores constituidores da ideia de masculinidade. Procura ainda perceber as contradições e os significados dados a violência por parte dos jovens do bairro, num contexto em que as definições sobre juventudes em tais condições são extremamente estereotípicas e ambigualmente aceitas pelas comunidades em que vivem estes jovens.

Cláudio Tomás e Frank Marcon exploram o surgimento, os significados e a circulação transnacional do estilo musical angolano kuduro. Na sua análise apontam para a importância que esta forma expressiva teve na Angola neoliberal a partir dos anos noventa, para a afirmação identitária e para a criação de novos circuitos e recursos para os jovens, ao mesmo tempo em que procuram apontar para um contexto em que o estilo se dispersa por outros cenários, como Portugal e Brasil.

Miguel de Barros descreve o surgimento da música rap na Guiné Bissau, e a função que este gênero musical teve e tem em termos de crítica social e como discurso antagônico às forças do poder político e militar. Os rappers assumiram o papel de críticos e contestatários do poder numa altura caracterizada por violências e intimidações por parte do poder militar, apropriando-se não só do estilo musical global do rap, mas incorporando elementos locais, instrumentos típicos da Guiné Bissau e referências a compositores de outras épocas.

Paulo Malvasi aborda o tema da contradição entre o sancionamento de direitos no Estatuto da Criança e do Adolescente, no Brasil, e a prática institucional no que respeita aos jovens em conflito com a lei. Analisando os casos emblemáticos de duas garotas envolvidas no tráfico de drogas, e que tiveram experiências de períodos de detenção, Malvasi denuncia a violência institucional e a constante violação de direitos que na prática caracterizam o dispositivo prisional para jovens no contexto brasileiro.

Andrea Moreira foca a questão da centralidade do corpo como elemento identitário entre jovens rapazes de rua em Maputo, Moçambique. A sua etnografia no mercado Xipamanine apresenta dados interessantes sobre a forma como, em condições de profunda marginalidade social e econômica, os jovens se tornam agentes sociais utilizando performaticamente os seus corpos, inscrevendo-os com tatuagens, e re-negociando dessa forma a sua identidade de gênero. Nestas dinâmicas, a dança assume um

papel importante, tornando-se ao mesmo tempo instrumento de reconfirmação da própria performance do corpo masculino, mas ao mesmo tempo potencial (se bem que improvável) trampolim para ascensão social.

Redy Wilson Lima reflete sobre o cenário sócio-político de Cabo Verde, procurando perceber como se dá a participação e o entendimento sobre a política por parte dos jovens envolvidos com o rap. Analisa as transformações ocorridas nas últimas duas décadas e o nascimento de um cenário que considera perturbador para muitos jovens que acabam por sentir a imposição do modelo de organização política e de exploração econômica vigente no país, respondendo de formas diversas e às vezes controversas, pactuando ou contrapondo com tais modelos.

Marta Campos de Quadros analisa as formas de sociabilidade entre jovens surdos na cidade de Porto Alegre (RS), refletindo sobre as escolhas e as dinâmicas dos espaços definidos como seus lugares de encontro, como, por exemplo, a escola e o shopping, bem como sobre os diferentes modos de uso das novas tecnologias de comunicação e informação por parte destes sujeitos em tais ambientes. O método de observação direta e a particularidade de sua atenção a um universo cognitivo onde a comunicação é quase que exclusivamente de imagens colocam a autora num interessante lugar de tradutora cultural.

A lógica de organização e a sequência de apresentação dos artigos foram pensadas com o intuito de provocar nos leitores a percepção sobre diferentes cenários bastante alternados de localização, de enfoque e de pontos de vista. Este formato é apenas um roteiro sugerido aos interessados para que façam seus próprios exercícios reflexivos sobre os contrastes entre lugares, temas, categorias de análise e formas de abordagem sobre os jovens na contemporaneidade, em contextos que ora se aproximam, ora se cruzam e ora se distanciam.

Enfim, agradecemos a todos os autores por terem aceitado o desafio de enviarem seus artigos para este dossiê, bem como aqueles colegas (alunos e investigadores) que participaram das reuniões que realizamos no ano de 2011, em Aracaju e em Lisboa, com o intuito de trocarmos impressões, de debatermos questões e de pensarmos formas de constituição de uma rede de colaboradores e pesquisadores preocupados com o tema das juventudes do presente e envolvendo os países representados aqui (tais encontros foram possibilitados pelo financiamento de um projeto de Missões Exploratórias, através do CNPq, pelo Edital CPLP/2010). Por fim, agradecemos aos editores da Revista Tomo pela confiança e pela oportunidade de publicação, na expectativa de que tenhamos lançado algumas provocações e despertado o interesse de outros estudiosos sobre o tema.